



Joseca artista yanomami

SOBRE OS ARTISTAS E SUAS IMAGENS

Joseca Yanomami e Alexandre Sequeira:
artistas amazônicos

ISABELA PRADO*

Falar sobre a Amazônia, em toda sua diversidade e complexidade, é o desafio que o presente número da Revista da UFMG se propôs encarar. Igualmente desafiadora é a tarefa de escolher artistas e obras que sejam capazes de dialogar com a temática amazônica ou, para ser mais precisa, com uma pequena parte dessa temática. Parafraseando Guimarães Rosa, pode-se dizer: “Amazônia são muitas”, com sua riqueza natural inigualável, com os diversos grupos sociais que a habitam, com a complexidade das questões colocadas pela lógica do progresso e da exploração de seus recursos, com os imperativos da sobrevivência da floresta e de sua flora, de sua fauna e de seus povos, com sua importância para a vida de todo o planeta.

Participam desta edição dois artistas amazônicos, Joseca Yanomami e Alexandre Sequeira, com o intuito de incentivar a reflexão sobre algumas questões centrais associadas à região, tarefa à qual também se dedicam os artigos que compõem a revista. A seleção de obras que aqui se apresenta permite vislumbrar uma pequena parte da produção artística que pensa a Amazônia, ao mesmo tempo em que busca traduzir a diversidade de seus povos e de suas inquietações.

Joseca Yanomami vive na terra indígena Yanomami, próxima à fronteira com a Venezuela. Seus trabalhos ilustram a vida cotidiana do povo Yanomami, com a representação de seus personagens e suas paisagens. Em seus desenhos, Joseca toma como referência central a floresta, entidade fundamental em torno da qual se estruturam não apenas as bases materiais da sobrevivência de seu povo, mas também sua cultura, suas histórias, seus sonhos e suas crenças.

Muitos dos desenhos são acompanhados por descrições, escritas por Joseca originalmente em Yanomami e que dão conta das dimensões cosmológicas presentes em sua poética. Joseca Yanomami nos traz a diversidade que caracteriza a floresta, considerando sua fauna e flora, seus povos, e seus espíritos (xapiri), que auxiliam os xamãs

na sua preservação. Assim, seus trabalhos são também uma manifestação da luta do povo Yanomami e – por que não dizer?, de todos os povos indígenas – pela preservação da terra, da floresta e de todos os seres que a habitam.

Alexandre Sequeira é paraense, nascido em Belém, onde vive e trabalha. Seu meio de expressão é a fotografia, com a qual ele constrói narrativas, como um cronista dos lugares, das pessoas e das situações que observa.

O conjunto de trabalhos escolhido para este número da revista é Carimbos de Fordlândia (2018). Trata-se de uma série de 12 imagens, transformadas em carimbos a partir de fotografias, que evidenciam diferentes visões sobre Fordlândia, pequena vila às margens do Rio Tapajós, no Estado do Pará.

A história de Fordlândia é muito peculiar, tendo sido fundada por Henry Ford em 1928, com o propósito de ser um polo fornecedor de látex para a fabricação dos pneus que equipariam os automóveis Ford nos EUA. Esse projeto de cidade se mostrou inviável com o passar do tempo, não apenas pela evolução da tecnologia que posteriormente permitiu a fabricação de pneus a partir de derivados do petróleo, e não mais do látex extraído das seringueiras, mas sobretudo pelas dificuldades de se implementar um modelo civilizatório de matriz norte-americana em plena Amazônia dos anos 1920.

O trabalho de Alexandre Sequeira reflete com delicadeza sobre a coexistência de duas culturas, a partir de imagens de construções erguidas ainda nos tempos de Ford, em paralelo a elementos do cotidiano e da paisagem local. Ao escolher Fordlândia como foco, Sequeira traz à luz os limites de um modelo de ocupação extrativista e predatório, ao mesmo tempo em que aponta para as peculiaridades da cultura ribeirinha, que caracteriza boa parte do território da Amazônia.

Separados por milhares de quilômetros, de origens e culturas distintas, estes dois artistas amazônicos compartilham a capacidade de trazer à luz, de forma sensível, questões importantes sobre a região, sua cultura, seu cotidiano, seus dilemas e seus conflitos. Cada um a seu modo, colocados lado a lado nesta edição, muito contribuem para a investigação que a revista se propôs a fazer sobre as múltiplas facetas da Amazônia.

Os artistas

Joseca Yanomami (1971, Terra Indígena Yanomami) é um artista visual integrante da comunidade Watoriki, da Terra Indígena Yanomami, no Amazonas. Interessado pelas áreas de saúde e educação, fundou, na década de 90, a primeira escola Yanomami de seu grupo, incentivando crianças no aprendizado da escrita e no estudo de línguas. Participou de exposições na Fundação Cartier, em Paris, Xangai e Lille, no Instituto Tomie Ohtake e no Museu de Arte Moderna, em São Paulo, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, e na Wellcome Foundation, em Londres. Seus trabalhos ilustram elementos e histórias da vida, do cotidiano e da cosmologia Yanomami.

Alexandre Romariz Sequeira (1961, Belém/PA). Artista visual, Doutor em Artes pela UFMG e professor do Instituto de Ciências da Arte da UFPa. Desenvolve trabalhos que estabelecem relações entre fotografia e alteridade social, tendo participado de Encontros de Fotografia, Seminários e Exposições no Brasil e exterior. Tem obras no acervo do Museu da UFPa, Espaço Cultural Casa das 11 Janelas, Coleção Pirelli/MASP, Museu de Arte do Rio/MAR, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul, Museu de Fotografia/CE e Coleção de Fotografia da Associação Brasileira de Arte Contemporânea/ABAC.

